



UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO
FACULDADE DE LETRAS

**NATUREZA, RELIGIÃO E SOCIEDADE: TRANSCENDÊNCIA HARMÔNICA EM “A HORA
E VEZ DE AUGUSTO MATRAGA”**

Filipe Gonçalves Gordo

Rio de Janeiro
2020

FILIPPE GONÇALVES GORDO

NATUREZA, RELIGIÃO E SOCIEDADE: TRANSCENDÊNCIA HARMÔNICA EM “A
HORA E VEZ DE AUGUSTO MATRAGA”

Monografia submetida à Faculdade de
Letras da Universidade Federal do Rio de
Janeiro, como requisito parcial para
obtenção do título de Licenciado em Letras
na habilitação Português/Literaturas.

Orientadora: Prof. Dra. Maria Lucia Guimarães de Faria

RIO DE JANEIRO

2020

Gordo, Filipe Gonçalves

Natureza, religião e sociedade: Transcendência harmônica em “A hora e vez de Augusto Matraga” / Filipe Gordo – 2020

28 f.

Orientador: Maria Lucia Guimarães de Faria

Monografia (graduação em Letras habilitação Português – Literaturas) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Centro de Letras e Artes, Faculdade de Letras.

1. Crítica Literária. 2. Literatura Brasileira. 3. Guimarães Rosa. I. Gordo / Filipe. II – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Faculdade de Letras, (2020). III. Título.

Dedicatória

Dedico este trabalho aos meus avós maternos, Arnaldo Magalhães Torres e Mercedes Madalena de Miranda Torres, exemplos máximos de amor e de espiritualidade em minha vida.

Agradecimentos

Lembro o gosto aziago do leite, o confeito doce das primeiras palavras. Em tardes que nunca acabaram, a mesma afinidade pela leitura, quando nos deitávamos, você na poltrona, com os seus *romances*, e eu em seu colo, com as minhas *fantasias*. Ainda hoje esta tarde sem fim, mas, agora, você com os *poemas* e eu com as *ficções*. À minha terra, à minha pátria, à minha mãe, Patricia de Miranda Gonçalves Barciela Y Lopez Coelho.

Lembro as estórias antigas, as canções distantes, um amor de vidas passadas. À minha música, à minha avó, Mercedes Madalena de Miranda Torres. Lembro as lições quietas sobre caridade e paciência, o amor genuíno do Pai, o exemplo do homem. Ao meu arcano austero, meu avô, Arnaldo Magalhães Torres.

Lembro a primeira amiga, a confiança, a confidência e a cumplicidade. Aos meus segredos, à minha tia, Simone de Miranda Gonçalves. Lembro as diferenças e as semelhanças e as muitas maneiras de brincar de crescer. Aos meus irmãos, Rafael Gonçalves Gordo e Vinicius Gonçalves Zanovelli.

Lembro a prosa fácil. Ao meu pai, Othon Luiz de Oliveira Gordo. Lembro o pulso firme. Ao meu padrasto, Ricardo Barciela Y Lopez Coelho.

Lembro as falhas da memória. À minha avó, Vera de Oliveira Gordo. E, finalmente, lembro quanto amor há na loucura. Ao meu tio, Marcelo de Oliveira Gordo.

Às professoras e amigas de longa data, Vera Lúcia Ferreira e Moema Sant'Anna. À responsável pelo meu amor às letras, saudosa Maria Conceição Machado de Carvalho.

Aos mestres de luz ao longo de minha estadia na Faculdade de Letras da Universidade Federal do Rio de Janeiro.

Aos amigos de muitos anos, que estiveram ao meu lado em marés baixas e cheias.

Aos colegas de copo e de cruz.

A Diego e a tantos outros que repousam na saudade.

A Miriam, *te extraño, mi cariño*, por falar a língua que eu ouço e por ouvir a língua que eu falo.

À excepcional professora Maria Lucia Guimarães de Faria por acolhimento, assistência e dedicação maternais.

“A literatura é como riscar um fósforo à noite no meio de um campo. Um fósforo não ilumina quase nada, mas permite ver quanta escuridão há ao redor.”

William Faulkner

Sumário

1. Introdução.....	5
2. Estrutura social do sertão: patriarcado e coronelismo.....	7
3. Transmutação existencial, natureza e religiosidade.....	13
4. Identidade, formação do herói e sincretismo.....	25
5. Considerações finais.....	28
6. Referências bibliográficas.....	29

1. Introdução

Natureza, religião e sociedade: Transcendência harmônica em “A hora e vez de Augusto Matraga” propõe uma leitura de aspectos simbólicos da última saga de Sagarana a partir de três argumentos fundadores da narrativa: o natural, o religioso e o social. As sagas rosianas sobre o sertão, esparsas nos dois primeiros volumes do autor, *Sagarana* e *Corpo de baile*, são narrativas longas, de extensão novelesca, em que Guimarães Rosa desbrava não só paisagens e espécies do coração brasileiro através do regionalismo, mas, sobretudo, os recônditos da alma humana. De alcance igualmente universal, as primeiras obras podem ser consideradas um grande ensaio para a escritura posterior da *magnum opus* do autor, *Grande sertão: veredas*.

No presente trabalho, o foco de análise será sempre o protagonista da trama, Augusto Matraga. Parte-se dele para a composição de observações sobre natureza, religião e sociedade e sobre como estas são indispensáveis à formação humanística do ser. Assim, temos o indivíduo cultural, perpassado por coerção social e moral religiosa, e o indivíduo natural, essencialmente harmônico, porém, em latente estado de dormência quando integrado à civilização. Busca-se entender como a cultura é determinante à construção da personalidade e à criação de padrões comportamentais, da mesma forma que a religião com a natureza pode despertar emoções verdadeiramente humanas neste mesmo indivíduo.

O primeiro capítulo, “Estrutura social do sertão: patriarcado e coronelismo” propõe uma crítica, a partir de dados da narrativa, a organizações sociais em que vige o sistema coronelista e pretende exemplificar como esse sistema confere aos grandes proprietários de terra, nas cidades sertanejas, uma espécie de autoridade local que extrapola o poder político. Além disso, indaga-se sob quais prerrogativas o comportamento do protagonista, no primeiro ato da narrativa, pode ser justificado pela estrutura patriarcal do sertão.

Em “Transmutação existencial, natureza e religiosidade”, parte de maior extensão e expressividade deste trabalho, são estabelecidas relações entre a estória com a História cristã ocidental, como também busca-se atrelar a natividade incessante da natureza telúrica ao processo de transformação cosmobiológica do ser humano a partir da observação minuciosa da gradativa metamorfose espiritual do protagonista ao longo da narrativa.

O terceiro capítulo, “Identidade, formação do herói e sincretismo”, empreende uma análise semiótica dos preceitos sob os quais são construídos o caráter e a identidade do herói Augusto Matraga, além de decompor conceitos fundamentais à apreensão do personagem. Demonstram-se os atributos essenciais do protagonista com a apresentação do conteúdo primordialmente épico da narrativa. Além disso, elucida-se o sincretismo entre as religiões

cristãs e certos matizes africanos, a fim de verificar como traços significativos do protagonista podem ser associados a características de santos guerreiros destas religiões.

Nas considerações finais, uma tese de Rosa acerca de seus personagens é revisitada, atestando-se em que medida ela é válida para a narrativa de Matraga e de que modo está equivocada. Depois, recupera-se a forma como o enredo da narrativa encontra o seu destino e são ressaltadas as principais qualidades do protagonista, que lhe conferem o estatuto de prestígio entre os personagens de ficção da literatura brasileira. Encerra-se o estudo com uma meditação acerca não só do Matraga, mas da obra de João Guimarães Rosa como um todo.

2. Estrutura social do sertão: patriarcado e coronelismo

Dentro do contexto coronelista da Primeira República, é pertinente pensar o acúmulo e o exercício do poder de Nhô Augusto Estêves no arraial do Muricí. A autoridade do protagonista remete à sua herança paterna e é indissociável do título de coronel e do sobrenome, como dos topônimos Pindaíbas e Saco-da-Embira, propriedades privadas que configuram o seu patrimônio.

Antes, porém, de analisarmos os atributos psicológicos do protagonista, deve-se compreender o estatuto que este ocupa na sociedade agrária em que está inserido e como isto afeta diretamente o seu caráter. Como filho de um falecido coronel, apesar de não usufruir plenamente do poder coronelístico, foi herdado por Augusto Estêves o compromisso social do pai. Para que se entenda a importância do título, é necessário antes estabelecer o que foi o coronelismo da Primeira República e como este poder é inerente à propriedade privada:

[...] concebemos o “coronelismo” como resultado da superposição de formas desenvolvidas do regime representativo a uma estrutura econômica e social inadequada. Não é, pois, mera sobrevivência do poder privado, cuja hipertrofia constituiu fenômeno típico de nossa história colonial. É antes uma forma peculiar de manifestação do poder privado, ou seja, uma adaptação em virtude da qual os resíduos do nosso antigo e exorbitante poder privado têm conseguido coexistir com um regime político de extensa base representativa.

Por isso mesmo, o “coronelismo” é sobretudo um compromisso, uma troca de proveitos entre o poder público, progressivamente fortalecido, e a decadente influência social dos chefes locais, notadamente dos senhores de terras. Não é possível, pois, compreender o fenômeno sem referência à nossa estrutura agrária, que fornece a base de sustentação das manifestações de poder privado ainda tão visíveis no interior do Brasil. (Leal: 2012, 24)

Augusto é dono de um comportamento despótico e tirânico. Em determinado momento, é descrito como “duro, doido e sem detença, como um bicho grande do mato”, comparação que denuncia uma atitude impulsiva motivada por instintos. Assim, a onipotência do protagonista é imposta através de violência e de dominação, não porque ele necessariamente *quer*, mas, dentro de uma sociedade patriarcal coronelista, porque *pode* e, em um certo sentido, *deve*.

Na cena do leilão atrás da igreja, quando somos apresentados a um Augusto Estêves “alteado, peito largo, vestido de luto, pisando pé dos outros” – características que revelam uma conduta prepotente –, uma “multidão encachaçada de fim de festa” começa a leiloar duas “mulheres-à-toa”. Aqui, já são observáveis aspectos que desvelam a estrutura coronelista do sertão em *Sagarana*. O arremate de Sariema por Nhô Augusto, por exemplo, tem menos relação com o dinheiro do que com a imponência do poder do coronel. A mulher não é um objeto de desejo, mas, sim, de poder. Ao dar o lance final, o protagonista está reafirmando sua

proeminência sobre os demais participantes do leilão e, por extensão, sobre os demais moradores do vilarejo.

Os movimentos que confirmam sua proeminência social são a imposição da palavra final e a violência contra o capiau, namorado de Sariema, espancado por quatro capangas, e servem de suporte para a afirmação de seu título. Pode-se observar uma estrutura que viabiliza o exercício pleno da autoridade do protagonista, ainda mais quando dispensa a mulher após o leilão, provando a tese de que ela é menos um objeto de desejo afetivo do que um objeto de efetivação de poder.

O casamento de Augusto com Dionóra também revela características patriarcais da estrutura social coronelista. O marido, como pontua o narrador, “dela gostava às vezes; da sua boca, das suas carnes”. Apreende-se, a partir desse comentário, que a Augusto só interessava a relação física com a mulher, não estabelecendo uma relação sentimental de afeto e união. Em contraponto, Dionóra amara-o o suficiente por três anos, a ponto de tentar trazê-lo diversas vezes “até a meio caminho direito” com orações e promessas falhas, mais dois “dera-o às dúvidas” e suportara-o os demais anos.

Dionóra é uma personagem feminina de Rosa que se distingue por romper padrões de submissão à estrutura patriarcal do sertão em dois momentos: o primeiro, quando sai de casa para se casar com Augusto sem o aval da família; o segundo, quando, já sabendo de antemão que correria risco de vida, decide abandoná-lo, fugindo com a filha para viver com Ovídio. O adultério, em amplo contexto, pode configurar um desvio de caráter agudo, porém, em um casamento de aparências, em que não há cumplicidade nem amor, como era o deles, o adultério pode ser justificado pela promessa de uma vida conjugal plena com outro parceiro.

Para o homem inserido numa sociedade estritamente patriarcal, relacionar-se com muitas parceiras é índice de poder e virilidade, ainda que seja uma relação extraconjugal. Por isso, o relacionar-se Augusto com muitas mulheres fora do casamento indica potencialização de seu poder. Contrastante, em um universo masculino, o adultério feminino é uma desonra cujo desfecho muitas vezes é o feminicídio, de forma que o homem possa reestabelecer a sua posição de supremacia e a sua honra dentro da sociedade patriarcal:

[...] Na tradição do coronelismo do nordeste [...] é muito presente este modelo do grande proprietário de terras que é um homem honrado e que lava a sua honra com sangue. O que significa lavar a honra com sangue? Se for enganado, mata a mulher, mata o amante da mulher. [...] Ainda hoje se mata a mulher por honra e a justiça considera o argumento da honra verdadeiro e legítimo, tanto que praticamente absolvem os homens que matam suas mulheres. (Grossi: 1995)

O abandono da mulher, porém, não seria a única desventura na série de reveses da vida do protagonista. O pai, que de fato era um coronel, havia morrido há pouco e, com isso,

Augusto havia ficado “mais estúrdio, estouvado e sem regra”, o que justifica ainda mais seu comportamento truculento, dado à briga e aos vícios da bebida, do fumo e das “mulheres perdidas”. Aparentemente, carecia de experiência para administrar as riquezas deixadas como herança e, com o passar do tempo, mais endividado e mal afamado no povoado estava.

É comum, no sertão, que haja, como visto acima na citação de Leal, um militar cuja figura de autoridade é máxima e incontestável e que usurpa a figura dos chefes políticos locais, como era o caso do Coronel Afonso Estêves. O uso de seu nome no grau aumentativo compreende o respeito e a influência que exercia no arraial do Muricí. Dentro da hierarquia militar, os coronéis são oficiais superiores e estão duas patentes acima dos maiores. Com a morte de Afonso, o seu rival, o Major Consilva, logo vislumbrava uma oportunidade de assumir o cargo de maior autoridade regional, mas, antes, havia de lidar com um empecilho: o filho do coronel, que aproveitava as regalias que o título do pai lhe proporcionava.

O Major Consilva, sabendo que o rival beirava falência e conquistava antipatia de todo o povoado, ajustou os jagunços de Augusto para seus capangas, com um pagamento adequado. É importante ressaltar que o poder de Augusto está atrelado, além da propriedade privada, à relação com os jagunços, referenciados na narrativa como os seus bate-paus, que são os responsáveis, através da violência, por garantir a sua primazia. A relação entre coronel e jagunços não é estritamente patrimonialista, isto é, o poder do coronel não está restrito à posse de terras. Antes, é efetivado a partir do estabelecimento de uma relação pecuniária, que, por sua vez, configura a lealdade dos jagunços.

O dinheiro é uma peça de sustentação do poder coronelista, que, apesar de ter a sua origem na organização oligárquica da colônia, não é constituído só por nascimento, genealogia e acúmulo de propriedades privadas de um indivíduo. O dinheiro, que menos tem valor de moeda, uma vez que os latifundiários são responsáveis por grande parcela das produções regionais, e mais de manutenção de um sistema hierárquico, é imprescindível e permite aos coronéis aplicarem a justiça própria sem mediação do Estado e de outras instâncias de poder.

Dentro da esfera própria de influência, o “coronel” como que resume em sua pessoa, sem substituí-las, importantes instituições sociais. Exerce, por exemplo, uma ampla jurisdição sobre seus dependentes, compondo rixas e desavenças e proferindo, às vezes, verdadeiros arbitramentos, que os interessados respeitam. Também se enfeixam em suas mãos, com ou sem caráter oficial, extensas funções policiais, de que frequentemente se desincumbe com a sua pura ascendência social, mas que eventualmente pode tornar efetivas com o auxílio de empregados, agregados ou capangas. (Leal: 2012, 25)

Em contraponto à cena inicial, em que a pessoa de Nhô Augusto era incontestável, já começa a despontar, com a debandada de seus jagunços, a iminência de sua ruína:

Assim, quase qualquer um capiau outro, sem ser Augusto Estêves, naqueles dois contratempos teria percebido a chegada do azar, da unhaca, e passaria umas rodadas sem jogar, fazendo umas férias na vida [...]

Mas Nhô Augusto era couro ainda por curtir, e para quem não sai, em tempo, de cima da linha, até apito de trem é mau agouro. Demais, quando um tem que pagar o gasto, desembesta até ao fim... (Rosa: 2017, 303)

Quim, o único empregado que verdadeiramente nutria uma relação de lealdade e parceria com Nhô Augusto, tentou avisá-lo de que era uma má ideia ir à chácara do Major Consilva para acertar as contas, mas, tomado por raiva e por um ímpeto de recuperar a sua soberania, Augusto não dá ouvidos ao conselho do camarada:

[...] todos no lugar estão falando que o senhor não possui mais nada, que perdeu suas fazendas e riquezas, e que vai ficar pobre, no já-já... E estão conversando, o Major mais outros grandes, querendo pegar o senhor à traição [...] estão dizendo que o senhor nunca respeitou filha dos outros nem mulher casada, e mais que é que nem cobra má, *que quem vê tem de matar por obrigação*... Estou lhe contando p'ra modo de o senhor não querer facilitar. Carece de achar outros companheiros bons, p'ra o senhor não ir sozinho... Eu, não, porque sou medroso. Eu cá pouco presto... Mas, se o senhor mandar, também vou junto (Rosa: 2017, 303, grifo meu)

A esse estado de falência e desmonte financeiro do coronelão, “com dívidas enormes, política do lado que perde, falta de crédito... e tudo de fazer ânsia por diante, sem portas, como parede branca”, traça-se um paralelo com os vocábulos Pindaíbas e Saco-da-Embira. A expressão “na pindaíba”, popularmente corriqueira, é associada a “estar na miséria”. É irônico que as “as terras no desmando, as fazendas escritas por paga” sejam verdadeiramente o que configura a riqueza de Augusto, mais ainda quando a propriedade privada que lhe confere maior reconhecimento no arraial, a fazenda das Pindaíbas, possui este nome que assume outro sentido na língua popular. Esta escolha vocabular, pois, não é eventual e relembra a primeira epígrafe da narrativa, que, de certo modo, prevê o que ocorrerá ao protagonista, como será visto adiante:

“Eu sou pobre, pobre, pobre,
vou-me embora, vou-me embora”
(Cantiga antiga)

Contudo, como a racionalidade era uma faculdade em falta ao protagonista, Augusto decidiu que, antes de matar Dionóra e Ovídio, deveria ir à chácara do major e resolver a situação pendente com os antigos empregados. Pode-se observar que o ímpeto de soberania é tão enraizado que o protagonista não faz nenhum julgamento de que, sem os seus bate-paus, a sua força bruta se restringia a nenhuma, mas deve-se levar em conta uma qualidade positiva do protagonista, amplamente manifestada nesse momento da narrativa e recorrente em demais,

que é a sua coragem para enfrentar, sozinho e respaldado apenas por sua força física, um bando de jagunços.

Ao chegar ao local, o major prontamente sentencia: “Tempo do bem-bom se acabou, cachorro de Estêves” e basta-lhe um sinal para que os capangas comecem a espancar Augusto. Aqui, confirma-se a tese de que a lealdade dos jagunços é inerente à relação monetária com o coronel, uma vez que aqueles não medem esforços para executar Augusto e que a velha relação de livre acesso e circulação nas terras do antigo patrão não vinha a configurar nenhum respeito ou misericórdia por parte dos funcionários, pelo contrário, como pontua o narrador, “os quatro que tinham sido bate-paus mostravam maior entusiasmo [na execução]”.

Após a sova a pauladas, o major manda os cacundeiros arrastarem-no para fora de suas terras, marcá-lo a ferro e, enfim, matá-lo. Esse movimento deixa explícito não apenas a violência do sistema coronelista como também a sacralidade da propriedade privada, a dominação e a assimilação do inimigo como posse. Augusto seria assassinado, mas não sem antes ser animalizado e marcado, como rês, a ferro. A partir dessa tortura, o recado dado é que tudo o que era de posse de Augusto agora é de posse do Major Consilva, incluindo-se nisto, para além do patrimônio material, seu corpo, seu destino e sua vida. A subjugação e o assassinato do inimigo são, finalmente, a maneira última de o major confirmar seu posto de autoridade máxima no arraial do Muricí.

A humilhação sofrida por Augusto é um marco importantíssimo, pois está intimamente ligada a dois aspectos: a sua morte social, ratificada pela ladainha entre o major e os jagunços: “Não tem mais nenhum Nhô Augusto Estêves das Pindaíbas, minha gente?/E os cacundeiros em coro:/– Não tem não! Tem mais não”; e o início de um período de reformulação moral do protagonista, que incidirá em sua mudança interior e a realização do seu destino no fim da narrativa.

Depois de ferrado com a marca do gado do major, um triângulo inscrito numa circunferência, Augusto escapa da morte ao pular de um barranco. O salto, que para os jagunços é um salto mortal, pois assumem que ninguém sobreviveria à altura, é, ironicamente, para o protagonista, um salto de renascimento, porque, a partir dele, o antroponímico Estêves e os topônimos das Pindaíbas e do Saco-da-Embira morrem para dar lugar ao início da transfiguração existencial de Augusto em Matraga.

Quanto à marca, vale lembrar as duas formas geométricas presentes e o significado de cada uma delas. Enquanto a circunferência remete ao universo, à perfeição, à eternidade, o triângulo é também recorrentemente o polígono perfeito, associado ao princípio masculino, quando com o vértice virado para cima, e, quando para baixo, ao princípio feminino. A acepção

mais simbólica, contudo, é aceita se pensarmos no cristianismo e na conjugação de Três-Pessoas-em-Uma-Só, sendo o Pai, o Filho e o Espírito Santo:

A imagem típica, na forma do triângulo inscrito na circunferência, coloca Matraga sob o signo da Santíssima Trindade. Mas é uma marca que, ferrada no corpo, vai provocar a mudança. Diferentemente de outras ferrações, que colocam o ferrado em seu lugar – escravo, animal, propriedade –, ou de marcas feitas no corpo, [...] a marca de Matraga, como a dos santos e dos mártires provoca um desajustamento, e não um ajustamento como naqueles casos. (Galvão: 2008, 79)

A *marca ignominiosa* será lembrada por Nhô Augusto, quando já penitente, como motivo de vexação, porém, ao fim da narrativa, será transformada em *marca de pertença*, que indica a predestinação e uma estreita relação entre homem e divindade. Conforme a citação acima, o ajustamento é o efeito visado pelo major, que busca marcar Augusto como propriedade, contudo, o efeito atingido é o contrário, o de desajustamento, visto que configurará a diferença entre o homem Augusto Estêves, pertencente à sociedade patriarcal coronelista, e o homem Nhô Augusto, convertido às virtudes morais da doutrina cristã. No momento em que é ferrado, dá-se o início à sua longa conversão religiosa, objeto de estudo do próximo capítulo, e, como pontuado por Galvão, a marca indicará a mudança a que o protagonista será submetido até a conclusão de seu destino, podendo, desta forma, também ser associada a uma marca de predestinação e à salvação como parábola da vida trinitária.

3. Transmutação existencial, natureza e religiosidade

O processo ritualístico de conversão existencial do protagonista tem início com a sua queda, que, para Faria, “determina uma guinada tão fundamental que assume o valor de um *descensus ad inferos*”, e se desenvolve na narrativa em três etapas. A primeira é a etapa preliminar, em que o homem se apresenta em sua forma bruta, de caráter vicioso e estritamente humano. Para Rosa, o “homem humano” é diabólico e, para que possa atingir o divino, deve chegar a um estágio “transumano”, alcançado a partir da superação de emoções negativas.

A etapa preliminar do processo ritual de transformação de Matraga é desenvolvida no primeiro ato da narrativa, quando vemos em Augusto Estêves uma oposição antagônica, em que há separação do espírito e da matéria e que preconiza o seu comportamento agressivo, aproximando-o de emoções negativas e ações instintivas que em certa medida o animalizam. A partir da queda, porém, há o início do processo de recuperação da unidade harmônica perdida.

O marco da etapa liminar da conversão existencial, caracterizada por crise e anulação identitária, é a condição de possibilidade para a transfiguração de Matraga. Ao sobreviver à queda, é socorrido por um casal de “pretos samaritanos” que constroem um esquife e preparam o ritual funerário cristão, a julgar que o homem morreria brevemente. Contrariando a lógica causal, porém, surpreendem-se os pretos ao encontrar “vida funda no corpo tão maltratado do homem branco”, quando Nhô Augusto “pelas chagas de Nosso Senhor” implora que o matem de uma vez, a fim de findar seu sofrimento carnal. Prontamente, o casal se resigna a cuidar dele até que convalesça.

Ao recobrar a consciência e lembrar todas as humilhações e as violências que sofrera, sente “como o seu pobre corpo tivesse ficado imenso”. Nesse momento da narrativa, o protagonista começa a reconhecer a natureza telúrica circundante:

Mas, de tardinha, chegou a hora da tristeza; com grunhidos de porcos, ouvidos através das fendas da parede, e os ruflos das galinhas procurando poleiro nos galhos, e a negra lá foram lavando as panelas e a cantar: *As árvores do Mato Bento/deitam no chão p’ra dormir...* (Rosa: 2017, 306, grifo meu)

E, mesmo com o passado e os ultrajes sofridos, a anterior súplica pela morte dá lugar à possibilidade de regeneração. Uma vez inteiramente esquecido por todos, Nhô Augusto vislumbra a continuidade de seu destino e uma chance de se curar dos seus males físicos:

Mesmo assim, com isso tudo, ele disse a si que era melhor viver. Bebeu mingau ralo de fubá, e a preta enrolou para ele um cigarro de palha. Em sua procura não aparecera ninguém. Podia sarar, podia pensar. (Rosa: 2017, 306)

Os vícios e os prazeres mundanos servem como um indicador da condição anímica do protagonista ao longo da senda de conversão. À medida que se distancia da questão egocêntrica, vê-se cada vez mais como parte integrante da natureza, concebendo a metamorfose espiritual inextricavelmente ligada à transformação cosmogônica e, assim, abstém-se gradualmente das adições carnavais, como será abordado mais profundamente adiante.

A modo de reconstituir fragmentos de sua identidade antiga, começa a lembrar a antiga relação familiar “com um dó imenso de si mesmo”, pois já estava tudo perdido e “era como se tivesse caído num fundo de abismo, em outro mundo distante”. Finalmente, ao sentir ímpeto de recontar as suas mazelas, despontam lembranças de sua mais tenra infância e adormece. Assim sucede por meses, até o dia em que é arrebatado por arrependimento e, para ser absolvido de seus pecados, recebe à escondida a visita de um vigário, providenciada pelos seus benfeitores.

O diálogo com o padre é benéfico para o protagonista, que resgata traços religiosos anteriores, já explícitos no início da narrativa – quando, por exemplo, no leilão, alardeia que “sino e santo não é pagode” ou mesmo quando o tio de Dionóra revela que a avó de Augusto “queria o menino p’ra padre... rezar, rezar, o tempo todo, santimônia e ladainha” – e consolidados com a recordação das rezas aprendidas na meninice.

Aqui, os processos ritualísticos preliminar e liminar se aproximam para dar início ao processo pós-liminar, caracterizado por um período precedente à crise e de reformulação da moral dentro dos ditames do sistema religioso cristão:

[...] A vida religiosa de Augusto Matraga se pauta pela dimensão cósmica do cristianismo rural, que prevalece nas populações sertanejas do Brasil. Mitos e cultos das religiões pagãs e mitologias populares, que subagem na estrutura agrícola do cristianismo europeu e sobrevivem cristianizadas no sertão brasileiro, constituem o substrato dinâmico da religiosidade de Augusto Matraga. (Souza: 2008, 88)

Dentre as recomendações do padre a Augusto estão o mudar-se para longe, não pensar mais em mulher nem em vinganças e trabalhar por três, buscando sempre ajudar o próximo, uma vez que nunca havia trabalhado na vida. Essa vida de penitência garantiria ao protagonista o Reino do Céu. Em determinada altura do diálogo, o padre utiliza elementos da natureza para demonstrar a Nhô Augusto que há a possibilidade de mudança e encerra o sermão com a máxima que dá título à narrativa e que servirá de mantra para o protagonista em momentos de crise em que sua fé é posta em xeque.

[...] Modere esse mau gênio: faça de conta que ele é um *poldro bravo*, e que você é mais mandante do que ele. [...]

– Reze e trabalhe fazendo de conta que esta vida é um *dia de capina com sol quente*, que às vezes custa muito a passar, mas sempre passa. E você ainda pode ter

muito pedaço bom de alegria... *Cada um tem a sua hora e a sua vez: você há de ter a sua.* (Rosa: 2017, 308, grifos meus)

Inicia-se, assim, a trajetória espiritual de Nhô Augusto, intimamente relacionada à incessante transformação telúrica e brotação dos entes naturais. Em Rosa, homem e natureza compõem a unidade harmônica de um mesmo destino cósmico e, como pontua Souza, “a redenção do homem depende da sua capacidade de se harmonizar com a natureza” (p. 84). Desta forma, a espiritualidade é intrínseca à natureza e, durante a etapa pós-liminar da conversão, as extensas descrições de paisagens e espécies endêmicas sertanejas estão relacionadas ao estágio da metamorfose do protagonista.

Há uma categórica aproximação do percurso do protagonista, até a plena realização do seu destino, com a vida do Cristo encarnado. A jaculatória do Jesus manso e humilde de coração, ensinada pelo padre, é o primeiro índice desta assimilação de Cristo por Nhô Augusto – assim como ocorre ser a marca de gado uma representação da Santíssima Trindade, como visto no capítulo anterior, e como sucederão também ao nosso protagonista três tentações, como as de Cristo no deserto, como será visto adiante. Faria faz lembrar que “o próprio Jesus, que nasce e morre, tem muitas características das antigas religiões cosmobiológicas”. A partir desta leitura, Cristo, natureza e divindade formam uma unidade e a doutrina cristã assume outro sentido para o sertanejo:

O homem do sertão não assimila o cristianismo divulgado pelas autoridades eclesiásticas, sobretudo porque vive sintonizado com a ambiência natural. Os sertanejos vivenciam a doutrina cristã como liturgia cósmica. A natureza se lhes apresenta como esparsa presença de signos e pressentimentos divinos, e não como reino do pecado. A conversão religiosa de Augusto Matraga se manifesta no reconhecimento de que o mistério cristão implica a redenção do destino humano. O mundo santificado pela encarnação de Cristo assegura a redenção de todos os entes. (Souza: 2008, 88)

Assim, após ter tomado um “tão grande horror às suas maldades e aos seus malfeitos passados”, o renascimento de Nhô Augusto tem início com a mudança para um sítiozinho no sertão mais longínquo, onde efetivamente cumprirá a sua penitência e efetivará a adoção dos pretos tutelares como família. Como observado por Meneses (2007), a ausência materna de Augusto é substituída por Mãe Quitéria que, de certa maneira, como implícito em seu nome, *quita* as pendências de uma infância órfã, e por Pai Serapião, nome associado à divindade sincrética helenístico-egípcia Serapis, representante do Deus da Medicina, cujo símbolo é uma cruz, que é o responsável pelos primeiros procedimentos da cura fisiológica do protagonista.

Antes de seguirem viagem, Nhô Augusto relembra a máxima do padre e emite uma nota que, por denunciar os opostos em voga na etapa pós-liminar de sua reformulação moral – a característica do valentão guerreiro, para quem a violência é sempre a solução, e a tendência à

santidade, porque busca a salvação da alma através de penitência – assume tom cômico: “Eu vou p’ra o céu, e vou mesmo, por bem ou por mal!... E a minha vez há de chegar... P’ra o céu eu vou, nem que seja a porrete!”. A descrição da viagem é um belíssimo parágrafo, que assume característica de um *prosoema*, em que os nomes de lugares percorridos, muitos desses referentes a espécies animais, compõem versos, ora rimados, ora assoantes. Como exemplo, transcrevo um trecho:

[...] Para além do Bacupari, do Boqueirão, da Broa, da Vaca e da Vacaria, do Peixe-Bravo, dos Tachos, do Tamanduá, da Serra-Fria, e de todos os muitos arraiais jazentes na reta das léguas [...] E deixavam de lado moendas e fazendas, e as estradas com cancelas, e roçarias e sítios monjolos, e os currais do Fonseca, e a pedra quadrada dos irmãos Trancoso [...] à beira das lagoas com patos e das lagoas cobertas de mato [...] Atravessaram o Rio das Rãs e o Rio do Sapo. [...] (Rosa: 2017, 310)

A composição do *prosoema* para a descrição da viagem não é arbitrária, já que a conjugação de homem e natureza é um dos meios, senão o principal, por que o protagonista atingirá a redenção. Empregado neste e em outros momentos como recorrente recurso, é marca também de fim de um ciclo narrativo.

A sua penitência logo será cumprida quando começa a seguir as recomendações do padre – dentre estas, o “trabalhar por três”, que remete à Santíssima Trindade incorporada pelo protagonista –, que se concretizam na data em que faz morada no distante lugarejo do Tombador, onde “todos gostaram logo dele, porque era meio doido e meio santo”. Ocorre uma alternância de papéis, pois agora Nhô Augusto não dava mais as ordens, abdicando totalmente da onipotência que o coronel Augusto Estêves um dia tivera, e “quem mandava e desmandava na casa, não trabalhando um nada e vivendo do estadão” era o casal de pretos responsável por sua iniciação religiosa.

Segundo o narrador, que ironiza a motivação realista da narrativa, se passaram “pelo menos seis ou seis anos e meio direitinho deste jeito, sem tirar nem pôr, sem mentira nenhuma, porque esta aqui é uma estória inventada, e não é um caso acontecido, não senhor” de uma vida de renúncias e labor, cujos descansos únicos eram bater mato, não para caçar, mas, sim, para contemplar a natureza, e rezar o terço ou os meses dos santos com velhas corocas. A serenidade do protagonista é enfim conquistada através da fuga de “qualquer qualidade de música que escuma tristezas no coração” e do progressivo esquecimento de seus malfeitos passados, atingindo, deste modo, o estado de ânimo pleno com que se dá a abstenção dos vícios carnis:

Também não fumava mais, não bebia, não olhava para o bom-parecer das mulheres, não falava junto em discussão. Só o que ele não podia era se lembrar da sua vergonha; mas, ali, naquela biboca perdida, fim-de-mundo, cada dia que descia ajudava a esquecer. (Rosa: 2017, 311)

Porém, como todo sofrimento é pouco e as pendências passadas sempre dão um jeito de vir bater à porta, um dia aconteceu que um conhecido velho de Nhô Augusto, o Tião da Thereza, por casualidade de “uma picada de vespa na orelha de um marruaz bravio”, que causou o desmancho de uma boiada, à procura das reses, apareceu no longínquo povoado do Tombador e tratou logo de dar as más notícias a Nhô Augusto, sem que este lhe tivesse pedido: Dionóra prosseguia casada com Ovídio, a filha, Mimita, havia “caído na vida, seduzida por um cometa”, o major arrematara as fazendas Pindaíbas e Saco-da-Embira... mas o mais mal-arranjado havia sido Quim que, ao saber da morte do querido patrão, jurou vingança e foi enfrentar sozinho os capangas do major e consequentemente acabou morto, com vinte tiros, não sem antes matar dois deles e ferir mais um.

Este momento da narrativa é a primeira vez em que, desde o início de sua trajetória espiritual, a fé do protagonista é posta à prova, mas, ainda assim, ele se mostra resignado no caminho da conversão. Pede a Tião, que o fitava com nojo e desprezo, para parar de contar os seus despautérios e afirma ao compadre – que acreditava, como todos no arraial do Muricí, na morte de Nhô Augusto – que “não é mentira muita, porque é a mesma coisa em como se eu tivesse morrido mesmo...”. Chega ainda a repetir as exatas palavras do major no momento de sua “execução”, revestidas, agora, de enorme carga simbólica, pois era também para ele a confirmação de que estava mesmo agarrado à sua penitência: “Não tem mais nenhum Nhô Augusto Estêves, das Pindaíbas, Tião”, de modo a expor a abdicação do estatuto social da vida passada como coronel.

Assim, em um ataque de cólera, não remediou nem repetiu a jaculatória do Jesus manso e humilde de coração; ajoelhou e proferiu “P’ra o céu eu vou, nem que seja a porrete”, e a mesma frase proferida no momento da mudança do Muricí para o Tombador agora não permite leitura em tom jocoso, uma vez que conjura o caráter truculento novamente e põe em questão todo o passado do protagonista. Pôde ainda, neste mesmo dia, esquecer um pouco das más notícias praticando o bem, ao ajudar a desatolar a égua de um vizinho, mas, quando esteve sozinho, as ideias descabidas tornam a atormentá-lo e pensa em recorrer a vícios antigos, o que demonstra um estado psicológico fragilizado:

[...] em seguida, ele não guardou mais poder para espantar a tristeza. E, com a tristeza, uma vontade doente de fazer coisas mal-feitas, uma vontade sem calor no corpo, só pensada: como que, se bebesse e cigarrasse, e ficasse sem trabalhar nem rezar, haveria de recuperar sua força de homem e seu acerto de outro tempo. (Rosa: 2017, 312)

Antes de tomar uma decisão precipitada, lembrou-se do padre, de que os sofrimentos vividos eram só uma “ideia do que o fogo do inferno é” e sentiu, enfim, a urgência de se confessar pela primeira vez aos seus pretos tutelares. Dentre as lamúrias, a dúvida de que

poderia se encontrar com Quim no céu; o drama de que era demais o que estava purgando e de que Deus havia se esquecido dele; e o lamento último da marca em sua pele e da perda de sua *homênia*, “que nem como se tivesse virado mulher”, mais agora que o corpo padecia ainda com os traumas físicos e não prestava “p’ra brigar com homem e nem p’ra gostar de mulher...”.

A primeira das três tentações se configura no momento que pensamentos da valentia de outrora tumultuam a mente de Nhô Augusto. Ele pensa que “tinha ordem de fazer alguma vantagem” a fim de vingar o Quim e recuperar seu modo de ser pregresso. Todavia, aconselhado por Mãe Quitéria a virar o demônio de costas e a fazer o que o padre havia mandado, Nhô Augusto se recorda de sua hora e vez e decide continuar sua expiação, invocando a Santíssima Trindade pressuposta na reza e superando, assim, a tentação.

Enfim, acostuma-se com os novos sofrimentos, as dores do corpo se atenuam e é arrebatado por fome e sono em excesso, associados costumeiramente aos pecados da gula e da preguiça. Isto, porém, não é índice de atitude pecaminosa e, sim, de uma restituição de sensações genuinamente humanas, pois mantém o comportamento penitente, agora laborando com leveza e fazendo caridades com uma tristeza bondosa que não sentia ímpeto de afastar. Toda essa mudança vem acompanhada da chegada do tempo das águas e o calor dos dias. É verão. A permuta existencial está integrada à transformação telúrica e Nhô Augusto presta-se a observar tudo com cirúrgica precisão, tema de outro *prosoema* cujo fragmento transcrevo:

[...] E as mariposas e os cupins-de-asas vinham voar ao redor da lamparina... [...] E começaram os cantos. Primeiro, os sapos [...] apareceu uma jia na horta, e pererecas dentro de casa, pelas paredes... E os escorpiões e as minhocas pulavam no terreiro [...] no céu sul, houve nuvens maiores, mais escuras. Aí, o peixe-frito pegou a cantar de noite. [...] Um vento frio, no fim do calor do dia... [...] a saracura fêmea gritou, pedindo três potes, três potes, três potes para apanhar água... Choveu. (Rosa: 2017, 314-15)

A variação sazonal culmina com a restauração do vigor da matéria e o estado transitório de plenitude espiritual, uma vez que ainda não está encerrado o périplo de salvação da alma de Nhô Augusto. Sente um súbito alívio ao intuir que sua penitência estava ficando mais leve, ao que Mãe Quitéria replica “Louvor ao Divino, meu filho!”. Novamente o vício carnal ressurge, desta vez relacionado não necessariamente a uma característica negativa ou a um estado psíquico debilitado:

E, uma vez, manhã, Nhô Augusto acordou [...] saiu para a horta cheirosa, cheia de passarinhos, e fez uma descoberta: por que não pitava?!... Não era pecado... Devia ficar alegre, sempre alegre, e esse era um gosto inocente que ajudava a gente a se alegrar...

E isso foi pensado muito ligeiro, porque já ele enrolava a palha, com uma pressa medonha, como se não tivesse curtido tantos anos de abstenção. [...] e sentiu

o corpo se desmanchar, dando na fraqueza, mas com uma tremura gostosa, que vinha até ao mais dentro, parecendo que a gente ia virar uma chuvinha fina.

Não, não era pecado!... E agora rezava até muito melhor e podia esperar melhor, mais sem pressa, a hora da libertação. (Rosa: 2017, 315)

Não à toa é neste momento de completude do protagonista que ocorre o contraponto principal da estória. Nhô Augusto se encontra com “o arranca-tronco, o treme-terra, o tira-prosa, o parte-ferro, o rompe-racha, o rompe-e-arrasa”, o homem mais afamado e célebre dos dois sertões, Seu Joãozinho Bem-Bem, acompanhado por seu bando de jagunços. Quando vê o “suplicante estúrdio” se aproximando, Bem-Bem sente por ele uma genuína simpatia apenas pelo jeito de seu caminhar, o que pasma seus comparsas, pois era muito custoso o líder se agradar de alguém ao primeiro olhar. A simpatia de Bem-Bem, porém, não é injustificada, pois ocorre a identificação de um semelhante, isto é, como o valentão mais conhecido do sertão, ele reconhece naquele estranho também um guerreiro e pode-se dizer que o mesmo acontece na contramão, quando Nhô Augusto oferece abrigo ao bando, caracterizando, então, um reconhecimento mútuo entre os dois homens.

Ao noticiar a chegada dos homens – que foram parar ali por acaso, dado que o caminho deles era outro e tiveram de desviá-lo porque “de uma banda do rio tinha a maleita e da outra reinava bexiga da brava” –, Nhô Augusto prontamente oferece hospitalidade durante o tempo que permanecessem no povoado do Tombador. O casal de pretos se afana a preparar-lhes um banquete regado a muita cachaça e assim foi que, durante a estadia daqueles homens, o protagonista se vê rodeado novamente por um mundo de jagunçagem. Entretido por muitas estórias de valentia e de duelos de exterminação, Nhô Augusto comunga a refeição com os novos companheiros.

Assim, despertada levemente do letargo, a personalidade guerreira do protagonista o faz pedir para conferir um fuzil dos jagunços e lhe é sugerido um pássaro como alvo. “Deixa a criaçãozinha de Deus. Vou ver só se corto o galho” é a resposta do protagonista, que demonstra, dentro do processo metamórfico espiritual, uma consciência já formada acerca da importância da natureza e o respeito por toda e qualquer forma de vida. Ao acertar o alvo na segunda tentativa, ocorre para Bem-Bem a confirmação do que havia intuído sobre o anfitrião e isto é motivo para um elogio, “mão mandona, mano velho... ferrugem em bom ferro” que, todavia, não é o suficiente para que Nhô Augusto não se veja tomado por um repentino desânimo, quando percebe vir à tona a característica bélica que por muitos anos tentara suprimir.

Na manhã seguinte, antes de o grupo debandar, Nhô Augusto é acometido pela segunda tentação. Joãozinho Bem-Bem, que lhe prestava atenção o tempo todo, afirma que os “anjos-da-guarda” deles combinaram e, por isso, se coloca à disposição caso o amigo precisasse de alguma ajuda, “se tem um recado ruim para mandar para alguém... tiver algum inimigo alegre,

por aí, é só dizer o nome e onde mora”. Ademais, oferece: “o senhor gosta de brigar, e entende [...] comigo é que o senhor havia de dar sorte”. O prestígio desta oferta remete à conversa entre os dois homens em que Seu Joãozinho dissera: “mocorongo eu não aceito comigo”. Desse modo, é importante lembrar que o convite de adesão ao grupo só foi feito por Bem-Bem porque ele, como exímio guerreiro que era, reconhece na personalidade de Nhô Augusto este mesmo traço proeminente e julga que seria oportuna a filiação do homem a seu bando de jagunços.

A recusa ao convite para fazer parte do bando de Seu Joãozinho Bem-Bem mostra o quão determinado o protagonista estava, àquela altura, a obter a purgação dos seus pecados. Mais tarde, porém, a tentação desperta novamente, ao pensar que poderia dar cabo, só com um pedido a Bem-Bem, de Major Consilva, de Dionóra e de Ovídio e recuperar sua honra passada. Chega também a pôr em questão, em certo nível, a incumbência de salvação da alma, e a metáfora do convite como um copo cheio de cachaça não poderia ser mais bem empregada, quando pensamos na abstenção de Nhô Augusto enquanto penitente:

[...] Aqueles, sim, que estavam no bom, porque não tinham de pensar em coisa nenhuma de salvação de alma, e podiam andar no mundo, de cabeça em-pé... [...] porque, mesmo lá, na sua terra, se alguém se lembrava ainda do seu nome, havia de ser para arrastá-lo pela rua-da-amargura...

O convite de seu Joãozinho Bem-Bem, isso, tinha de dizer, é que *era cachaça em copo grande!* Ah, que vontade de aceitar e ir também... (Rosa: 2017, 322, grifo meu)

Mas, com medo de um castigo divino e ao recordar o caminho tão grande percorrido na senda da conversão, afirma que nada o impelirá de esperar a sua hora e vez e resolve se ater à penitência, desistindo da ideia de uma possível vingança:

E só então foi que ele soube de que jeito estava pegado à sua penitência, e entendeu que essa história de se navegar com religião, e de querer tirar sua alma da boca do demônio, era a mesma coisa que entrar num brejão, que, para a frente, para trás e para os lados, é sempre dificultoso e atola mais. (Rosa: 2017, 322)

Já tendo experimentado algumas doses de cachaça na ocasião da visita de Seu Joãozinho, toma um trago “sem ser por regra” e acaba dormindo e sonha com um Deus valentão que o manda brigar para testar a força. O sonho tem um quê de premonitório, pois é a conjunção da vocação divina com a coragem do guerreiro, as duas qualidades máximas do herói, que, aliadas à espiritualidade imanente da terra, permitirão a realização efetiva da transcendência. Ocorre também, simultaneamente a uma “invernada braba”, uma reincidência no hábito da bebida, mas ele nunca arrefece de laborar, de modo que, enquanto capinava e cortava lenha debaixo de chuva, os pretos “traziam-lhe de vez em quando um golinho, para que ele não apanhasse resfriado”, como nos conta o narrador em tom jocoso, “e, como para chegarem até

lá também se molhavam, tomavam cuidado de se defender, igualmente, contra os seus resfriados possíveis”.

Aos poucos, a penitência de Nhô Augusto vai ganhando folgas, sem fazê-lo, porém, ceder aos impulsos que eram, na verdade, uma prova a mais por que tinha de passar:

E ainda outras coisas tinham acontecido, e a primeira delas era que, agora, Nhô Augusto sentia saudades de mulheres. [...] *Assim, sim, que era bom fazer penitência, com a tentação estimulando*, com o rasto no terreno conquistado, com o perigo e tudo. [...] Bastava-lhe rezar e aguentar firme, com o diabo ali perto, subjugado e apanhando de rijo, que era um prazer. E *somente por hábito*, quase, era que ia repetindo: – Cada um tem a sua hora, e há-de chegar a minha vez! (Rosa, 2017, 323, grifos meus)

Com a mudança de estação, a circulação natural das espécies vivas – narrada a partir de outro belíssimo *prosoema* sobre maitacas, maracanãs, periquitos e papagaios – se torna cada vez mais exuberante e perceptível aos olhos do protagonista, que começa a relembrar e cantar antigas cantigas capiaus sobre namoradas e amor. Adere a um novo posicionamento quanto ao sexo feminino, pois, se antes de seu processo metamórfico era dado às “mulheres perdidas”, agora a imagem que tinha era a de que “todas as mulheres eram bonitas” e “todo anjo do céu devia de ser mulher”.

Assim foi que, um dia, “madurinho de não mais ficar”, tal como as flores e os frutos da primavera, Nhô Augusto anuncia sua partida, deixando à sua família de adoção todos os seus bens e pertences, pois a sua vez em breve iria chegar e ele tinha de estar por ela “em outras partes”. Mãe Quitéria aconselha-lhe uma montaria para acompanhá-lo em seus novos caminhos, o que aceita com alguma relutância, só após ser recordado de que o jumento era “um animalzinho assim meio sagrado, muito misturado às passagens da vida de Jesus.”.

Na estrada, a contemplação da natureza é um dos divertimentos do protagonista e o autor nos oferece uma das imagens naturais mais potentes de *Sagarana*, a de um pássaro com penugem avermelhada que, ao voar das copas também vermelhas de um mulungu e pousar num galho de barbatimão, presenteia esta árvore com um ramo daquela:

[...] Pela primeira vez na sua vida, se extasiou com as pinturas do poente, com os três coqueiros subindo da linha da montanha para se recortarem num fundo alaranjado, onde, na descida do sol, muitas nuvens pegam fogo. E viu voar, do mulungu, vermelho, um tié-piranga, ainda mais vermelho – e o tié-piranga pousou num ramo do barbatimão sem flores, e Nhô Augusto sentiu que o barbatimão todo se alegrava, porque tinha agora um ramo que era de mulungu. (Rosa: 2017, 326)

Então, Nhô Augusto entregou o seu destino ao bem-querer de sua montaria. Quando o jegue empacava, “ficava em cima, muito concorde, rezando o terço” até que o jerico decidisse caminhar novamente. Assim foi que rumaram para o sul, “na direção das maitacas viajadoras”.

Essa última peregrinação de Nhô Augusto reitera a unidade com a natureza, conquistada ao longo dos demorados anos de penitência. É, pois, a partir dessa harmonização natural que os dois, cavaleiro e montaria, adentram o arraial do Rala-Coco, coincidentemente um lugar a curta distância do arraial do Muricí, ponto de partida do protagonista.

Ali, por acaso, reencontra Seu Joãozinho Bem-Bem, que lhe oferece guarida e conta-lhe como havia conseguido concluir a missão pendente à data em que se conheceram. Após a refeição, Nhô Augusto pergunta por Juruminho, um dos jagunços por quem se afeioara, e a resposta do líder é que este foi morto à traição. Então, a terceira e última das tentações sucede a Nhô Augusto quando Bem-Bem lhe oferece novamente a oportunidade de se juntar ao bando, mostrando-lhe as armas do falecido, disponíveis para o uso de um novo dono:

– ...eu gostei da sua pessoa, em-desde a primeira hora, quando o senhor caminhou para mim, na rua daquele lugarejo... Já lhe disse, da outra vez, na sua casa: o senhor não me contou coisa nenhuma da sua vida, mas *eu sei que já deve de ter sido brigador de ofício*. Olha: eu, *até de longe, com os olhos fechados, o senhor não me engana*: juro como não há outro pr’a ser mais sem medo e disposto pra tudo. [...] eu havia de gostar, se o senhor quisesse vir comigo, para o norte... Já lhe falei e torno a falar: *é convite que nunca fiz a outro*, e o senhor não vai se arrepender! (Rosa: 2017, 329-330, grifos meus)

Ao avaliá-las, “do jeito com que um gato poria a pata num passarinho”, sua alma guerreira titubeia, “porque essa estava sendo a maior das tentações”, mas aí é que sua provação reconhece um fim, pois veementemente nega o convite, “proferindo entre dentes o creio-em-deus-padre”.

Entra em cena um velhote, pai do assassino de Juruminho, a quem Bem-Bem dera a opção de escolha da morte de um de seus filhos, como “retribuição” ao companheiro assassinado, uma vez que o responsável pelo crime em questão estava foragido. As súplicas de um pai desesperado, que pediu para ser morto em lugar dos filhos, – primeiro pela mãe de Seu Joãozinho, depois pelo sangue de Jesus Cristo e pelas lágrimas da Virgem Maria e finalmente pelo corpo de Cristo na Sexta-Feira da Paixão – não foram atendidas por seu algoz. Então, após chamar Bem-Bem de satanás, o velho invoca a força de Deus para salvá-lo em sua fraqueza. Aí é que Nhô Augusto intervém e contesta Bem-Bem interpelando-o a poupar a vida do pobre homem. Em momento simbólico, conjura e encarna ele próprio a força do Deus.

No embate verbal contra a palavra de Seu Joãozinho Bem-Bem, Nhô Augusto reconhece, enfim, a chegada de sua hora e vez. O entrevero culmina no duelo sangüinário entre os dois, que encenam, em momento épico da literatura brasileira, o embate entre duas forças proporcionalmente opostas: o Bem e o Mal. Assim, a *marca de pertença* de Matraga revela, enfim, a sua predestinação:

O signo visual vai se realizar em forma verbal exatamente na fração de segundo em que Matraga reconhece sua hora e vez e avança para seu Joãozinho Bem-Bem e jagunços, depois de tentar dissuadi-los com palavras. É sob a invocação da Santíssima Trindade que assume o ato final de seu destino: “*Êpa! Nomopadrosfilhospritos santamêin! Avança, cambada de filhos-da-mãe, que chegou minha vez!...*”. Tal como os mártires dos primeiros tempos do cristianismo, a invocação das Três-Pessoas-em-Uma é ao mesmo tempo um testemunho público de partido tomado e uma imitação de Cristo, em que o mártir se submete ao martírio para chegar ao Pai, tal como Cristo o fizera. (Galvão: 2008, 79, grifo meu)

A violência de Augusto Estêves, do início da narrativa, adquire, enfim, teor ético e a valentia, conotação divina, assim como no sonho que tivera com o deus mais solerte dos valentões.

Após a morte de três jagunços do bando e a fuga de mais três, as balas dos rifles se esgotam e os adversários se digladiam com facas. Em meio a golpes, Nhô Augusto consegue sugerir a Bem-Bem que se arrependa de seus pecados, a modo de não ir para o inferno, mas é então que sua lâmina talha a barriga do inimigo, revelando “um mundo de cobras sangrentas”. A metáfora usada para descrever as vísceras não poderia ser mais bem empregada, uma vez que a cobra é o animal associado ao pecado original, causa da expulsão de Adão e Eva do paraíso. Bem-Bem, sendo o homem mais célebre e afamado dos sertões por suas numerosas mortes, não poderia ter dentro de si senão muitas cobras, isto é, pecados.

Durante a briga, Nhô Augusto ainda trata Joãozinho Bem-Bem como parente, como irmão, isto porque, para ele, não era um homem qualquer que estava morrendo ali, mas um guerreiro extraordinário a quem venera. É nesse sentido que os dois são “parentes” e “irmãos”. O reconhecimento mútuo, que aproximou os dois homens desde o início, não se modifica em nenhum momento, ainda que lutem até a morte por causas opostas e que estejam consagrados a códigos de conduta antagônicos. A prova cabal disso é que, ao fim do duelo, Joãozinho Bem-Bem, esvaído de vitalidade, ainda encontra forças para elogiar o adversário “morro, mas morro na faca do homem mais maneiro de junta e de mais coragem que eu já conheci” e, por isso, seu último desejo é “acabar sendo amigos”, em que Nhô Augusto consente. Sobretudo por reverência à valentia e à honradez de Bem-Bem dentro da ética guerreira, que são valores máximos para Augusto, solicita que o “enterrem bem direitinho, com muito respeito e em chão sagrado”.

Um dos últimos desejos de Matraga, além de ser abençoado por um padre, é o de se “acabar no solto, olhando para o céu, e no claro”. A derradeira vontade em vida concretiza o alcance da harmonização entre homem, natureza e cosmos. Não é, porém, estritamente por causa da penitência e da intimização com a natureza que Augusto atinge esta transcendência. É através do redirecionamento de seu traço mais característico – a valentia descomedida, mormente utilizada como força destrutiva no início da narrativa – para um fim generoso e

altruísta que consuma o seu destino, de modo a advogar e atuar em favor dos indefesos e oprimidos.

As virtudes manifestadas por Matraga, no fim da narrativa, são coincidentes aos ensinamentos máximos de Jesus Cristo sob os quais se sustenta o pilar de todo Cristianismo ocidental: a compaixão e o perdão. A compaixão demonstrada pelo sofrimento do velho e o perdão espontaneamente concedido aos pecados do inimigo promovem esta aproximação última de Jesus Cristo e Augusto Matraga. Contudo, friso mais uma vez, a concretização dessas virtudes pavimenta o seu caminho para a transcendência, mas é, sobretudo, a partir do deslocamento de sua capacidade de luta para um uso benéfico que ele atinge a santidade, morrendo como mártir e “santo guerreiro”, numa aproximação, agora, com São Jorge.

4. Identidade, formação do herói e sincretismo

Como a narrativa é essencialmente sobre a metamorfose existencial do homem, é necessário atribuir a cada etapa do processo ritualístico a identidade que este homem assume e as particularidades de cada uma delas. Na etapa preliminar, tem-se Augusto Estêves, o homem inserido no contexto patriarcal coronelista, de quem o sobrenome e os topônimos das Pindaíbas e do Saco-da-Embira são inseparáveis, dado que a relevância daquele homem nesta sociedade é necessariamente a descendência genealógica e a propriedade privada. Aqui está o *nome social* do protagonista que encena o arquétipo do guerreiro, no primeiro ato da narrativa.

Durante a etapa liminar, que é permeada por recorrentes crises identitárias e por reformulações dos valores morais próximas à superação gradual de emoções negativas, o nome assumido pelo protagonista é Nhô Augusto, seu *nome individual*, e ele encarna a saga do asceta, em contraponto agudo com o guerreiro valentão do primeiro ato. Finalmente, no que compete à etapa pós-liminar, com o processo ritualístico de metamorfose existencial findo, tem-se o *nome mítico* Augusto Matraga, pelo qual fica conhecido como o mártir que atingiu a salvação e a glória divina por redimir a gente inocente.

Assim, é necessário que nos detenhamos um pouco no significado do nome Matraga. A sonoridade do nome permite-nos deduzir, na primeira sílaba *má*, a referência ao adjetivo mau, e em *traga* a associação tanto ao verbo “trazer”, podendo remeter a uma pessoa que traz o mal, quanto ao verbo “tragar”, que remete ao ato de fumar e traz à tona a extensa observação, realizada neste trabalho, dos vícios carnis como índice de estados psíquicos e padrões comportamentais.

Sobre a etimologia da palavra Matraga, Galvão escreve:

A imaginação do contexto autoriza uma aproximação com o vocábulo *matraca*, instrumento de fazer barulho usado pelos penitentes medievais e que, em certos lugares, ainda persiste associado à Semana Santa. Em algumas cidades do interior brasileiro, na Sexta-Feira de Paixão, pessoas saem às ruas agitando a *matraca* pelo trajeto que a procissão do Senhor Morto irá seguir. Atrás do uso da *matraca*, deve estar um costume muito pouco católico, o do *Charivari* para afastar os demônios. Por outro lado, a insistência do texto na violência sertaneja leva a pensar no ruído repetitivo de uma saraivada de tiros, que impregna o vero instante da decisão final da personagem: “E a casa *matraqueou* que nem panela de assar pipocas.”, quando ele reconhece a sua hora e vez [...] (Galvão: 2008, 75)

Galvão também associa a palavra Matraga a *tragos*, bode em grego, de que deriva a palavra tragédia, e relembra ainda o ritual *pharmakos*, em que ocorre o sacrifício ou o exílio de uma pessoa tornada um bode expiatório, situação semelhante à que sucede ao protagonista na estória estudada, de notável teor trágico.

Deve-se observar ainda que o nome Matraga só aparece na narrativa em dois momentos: no início e no fim. No início, para qualificar a situação do protagonista – “Matraga não é Matraga, não é nada” – como ser em construção, porque sob a alcunha social de Augusto Estêves é considerado o ser incompleto. Dessa forma, é a partir da negação, da *nadificação*, que se dá o processo metamórfico que o transformará efetivamente em outro. O nome Matraga reaparece no fim da narrativa, quando o personagem atinge a completude do destino e se lhe depara a santidade: “Então, Augusto Matraga fechou um pouco os olhos, com sorriso intenso nos lábios lambuzados de sangue, e de seu rosto subia um sério contentamento.”.

Outro contraponto indispensável ao vocábulo Matraga é o nome de seu antagonista, Seu Joãozinho Bem-Bem, cujo sobrenome, reiterado pela repetição do advérbio “bem”, remete vagamente à onomatopeia de língua inglesa *bang bang*, utilizada igualmente para simular o som de tiros. Bem-Bem representa, na verdade, a imponência do arquétipo guerreiro, que Matraga, durante o longo processo de metamorfose, ainda sob a alcunha de Nhô Augusto, tentou suprimir de sua personalidade. De todo, nem um pouco arbitrária é a escolha de nome dos personagens quando pensamos no duelo final: de um lado, Matraga, que encena o Bem; de outro, Bem-Bem, que encarna o Mal. A noção de que Bem e Mal são valores estanques e absolutos, porém, não é aplicável à obra rosiana. Para o autor, não há dualismo antagônico de quaisquer pares de contrários, pois, caso os opostos fossem absolutamente excludentes, qualquer transformação seria inviabilizada.

A luta final entre os dois é, sim, uma configuração da velha batalha entre o Bem e o Mal, mas o que distingue esta estória e a torna tão humana e verdadeira, apesar dos seus contornos épicos, é que nem o “Mal” nem o “Bem” são valores absolutos e definitivamente distintos um do outro. Matraga, que representa o “Bem” aqui, foi o capeta de mau em uma fase de sua juventude, e a conversão que nele se opera não lhe extirpa as características mais genuínas de sua personalidade, mas tão somente canaliza a sua capacidade de luta, inclusive física, para o lado da generosidade para com o outro. Já Bem-Bem não é necessariamente de todo o ruim, pois, apesar das copiosas mortes, ele opera em um código ético que julga ser o justo, dentro de sua própria lei, tanto que em dado momento ele revela a Nhô Augusto: “gente minha só mata as mortes que eu mando, e morte que eu mando é só morte legal”. Assim, é cabível dizer que, em sua lógica, ele é um benfeitor para os seus e vale ainda uma citação de *Grande sertão: veredas*, em que Riobaldo, o narrador, pontua: “quase todo mais grave criminoso feroz sempre é muito bom marido, bom filho, bom pai, e é bom amigo-de-seus-amigos” (Rosa: 2015, 22).

Além da discriminação substancial dos epítetos das diversas *personas* e da análise das discrepâncias e das convergências entre os personagens mais significativos do conto, que são

chaves de leitura indispensáveis à compreensão da narrativa, outros dois conceitos distintos são os de *homênia* e *hominização*. A acepção precisa de cada um desses termos se faz necessária para a apreensão dos estados psicológico e comportamental do protagonista ao longo da estória. O termo *homênia*, neologismo dotado de forte carga simbólica, designa padrões comportamentais da sociedade sertaneja e, por extensão, das demais sociedades humanas cujo pilar é o patriarcado, sendo corriqueiramente associado a “macheza”. Já o vernáculo *hominização* realiza-se na narrativa a partir da intimização com a terra, o fluir natural dos seres vivos e, sobretudo, a partir da reconciliação consigo mesmo e a conciliação com os semelhantes, equivalendo, pois, à *humanização*.

Matraga substitui gradativamente a pura e cega *homênia* pela *humanidade*, mas é preciso verificar que a *homênia* sustenta e garante o novo perfil de humanidade que agora constitui o seu código de conduta. O *novo* Augusto não é um homem inteiramente alheio e estranho ao que ele *foi*. O que ele fez – e este é o seu maior heroísmo, já que não é nada fácil conseguir realizar esta conversão – foi assumir novos direcionamentos para a sua qualidade guerreira, que é o que ele tem de melhor. Logo, a hora e a vez de Nhô Augusto chegam quando ocorre a complementaridade dinâmica desses dois princípios, que permite ademais a harmonização entre homem, natureza e cosmos, assim como corpo, mente e alma.

Sobre a humanidade presente na estória, Antonio Candido assinala:

[...] No citado “Augusto Matraga”, onde o autor, *deixando de certo modo a objetividade da arte-pela-arte, entra em região quase épica de humanidade* e cria um dos grandes tipos da nossa literatura, dentro do conto que será, daqui por diante, contado entre os dez ou doze mais perfeitos da língua (Candido: 2002, 189, grifo meu)

Em um profundo sincretismo religioso, ainda é possível estabelecer o paralelismo que traz ao Matraga traços de Cristo combinado com São Jorge, no qual se ouvem também ecos de Ogum, o orixá guerreiro do Candomblé. Se a motivação do processo metamórfico é Jesus Cristo, a realização do martírio é São Jorge, pois é a partir do reconhecimento como guerreiro que Matraga atinge a santidade:

Matraga atravessa minuciosamente todo o processo de santidade, mas os esforços para ser asceta contrariam sua índole. *Ele é um guerreiro, e é como guerreiro que irá se tonar santo*. Difícil foi-lhe aceitar a predestinação, pois também ele recalcitrava contra o aguilhão; mais difícil ainda foi ler corretamente aquilo que estava marcado em sua carne, o sinal de Deus. De certo modo, já presente em sua formação como opostos em tensão, identificados com um princípio masculino (o pai violento reproduzido) e um princípio feminino (a avó que o criara, religiosa e rezadeira, desejando fazer do neto um padre), é a ferração que vai iniciar o penoso caminho da decifração da marca do destino. (Galvão: 2008, 72, grifo meu)

É importante que nos detenhamos um pouco em São Jorge. O próprio significado de seu nome remete a uma espiritualidade telúrica imanente, o que o aproxima de Augusto quando, a partir do cultivo da terra, do labor agrário, verifica-se a integração do herói com a natureza. Outro significado comum ao nome é “sagrado”, traçando assim um paralelo com o nome próprio “Augusto”, que vem do latim *augere*, “aumentar”, e pode ser interpretado como “sagrado”, “consagrado” ou “extraordinário”:

Jorge [Georgius] vem de *geos*, que quer dizer “terra”, e de *orge* “cultivar”, de forma que o nome significa “cultivando a terra”, isto é, sua carne. [...] o beato Jorge foi como a terra alta por desprezar as coisas baixas e exaltar as puras, foi como a terra temperada devido à descrição do vinho da eterna alegria, foi como a terra plana pela humildade que produz frutos de boas obras. Jorge também pode vir de *gerar*, “sagrado”. [...] (Vazzare: 2003, 365)

A aproximação última das duas figuras, porém, está no fato de ambas alcançarem a santidade em decorrência do caráter guerreiro, como pontuado na citação de Galvão, o que permite ainda fazer um paralelo entre Matraga e Ogum, orixá sincretizado a São Jorge. Na mitologia africana, Ogum é conhecido não apenas por criar a forja e compartilhar o segredo do ferro com os homens, mas também por ensinar-lhes as artes da agricultura e a produzir instrumentos agrícolas:

Os orixás invejam Ogum pelos benefícios que o ferro trazia não só à agricultura, como à caça e até mesmo à guerra. [...] Os humanos que receberam de Ogum o segredo do ferro não o esqueceram. Todo mês de dezembro, celebram a festa de Iudê-Ogum caçadores, guerreiros, ferreiros, e muitos outros fazem sacrifícios em memória de Ogum. Ogum é o senhor do ferro para sempre. (Prandi: 2000, 86-87-88)

A importância do ferro para o desenvolvimento da tecnologia é fundamental, pois não há agricultura sem ferramentas, não há caça sem lanças e não há guerreiros sem espadas. O paralelo entre o orixá e Matraga remete à *marca de pertença* do herói, que foi gravada em seu corpo a partir da ferração e simbolicamente, além da Santíssima Trindade, incorpora Ogum. Deve-se lembrar que, além dessas atribuições, o orixá detém o título de senhor da guerra, porém, o seu vigor físico não é usado trivialmente, dado que ele só guerreia quando há a real necessidade de guerra e é a partir da aquisição dessa mesma consciência que Matraga realiza o seu martírio, tornando-se também um “santo guerreiro”.

Assim, a identidade do herói adquire completude quando ele descobre que a sua predestinação é atingir a redenção não só através das virtudes de humildade, compaixão e perdão que extraíra dos sermões do padre e praticara durante a penitência. Matraga se torna Matraga através da aceitação e do reconhecimento do que ele essencialmente é, um guerreiro, e por consolidar a sua força e o seu fôlego necessariamente para disseminar e promover o bem.

5. Considerações finais

Em correspondência ao crítico literário alemão Günter Lorenz, Rosa propõe um comentário acerca de sua obra que é útil à apreensão do caráter de Augusto e que justificaria a prepotência do personagem nos primeiros atos da novela:

Os homens de meus livros vivem sem consciência do pecado original; portanto, não sabem o que é o bem e o mal. Em sua inocência, cometem tudo o que chamamos ‘crimes’, mas que para eles não o são. (*Apud* Günter Lorenz, pp. 35-60)

É possível afirmar que, nos primeiros atos da estória, Augusto Estêves cometeu diversos tipos de crimes por viver em uma “inocência”, como pontuado pelo autor. Após o estudo proposto, porém, é possível refutar, em certo nível, esta afirmação, ao verificar-se que o protagonista, ao longo de seu processo de conversão, gradativamente cria uma consciência própria do pecado original, ou seja, do conhecimento do bem e do mal.

A completude de seu destino não decorre, porém, apenas da prática das virtudes cristãs aprendidas e da redenção dos malfeitos passados mas, também, por entender que não se pode fugir do que se é, mas existem caminhos para a mudança – há sempre uma luz que apaga quando escurece e as sombras não se dissipam todas ao amanhecer. Desse modo, Matraga emerge a partir do conhecimento do bem que há no Mal e do mal que há no Bem e se harmoniza com o mundo, consigo mesmo e com a sua própria verdade a partir do equilíbrio de seus opostos. Assim, a graça e a força do protagonista são a constante prática do que fez e ensinou Jesus de maneira autêntica, com total compenetração, com pureza de alma e com candura verdadeiramente cristã, imbuída de generosidade, amor ao próximo e compaixão, mas, sobretudo, sem alhear-se daquilo que mais genuinamente o define e constitui.

Como finalização, cito uma profunda observação apontada pela Professora Maria Lucia em um curso sobre João Guimarães Rosa:

Um dos encantos e grande lição da obra de Rosa é encarar o ser humano em toda a sua complexidade e confusão, e jamais conceber alma sem corpo, espírito sem matéria, cosmos sem caos, força sem tibieza, dia sem noite, sublime sem cômico, elevado sem rasteiro, bem sem mal. A trajetória de Augusto mostra exatamente como é que o homem luta o tempo contra os seus avessos e não há vitória que se conquiste de uma vez para sempre, pois “a toda hora a gente está num cômputo”, diz o Riobaldo, e o que existe mesmo é travessia. (Faria: 2020)

6. Referências bibliográficas

CADERNOS de Literatura Brasileira. João Guimarães Rosa, no. 20 e 21. São Paulo: Instituto Moreira Salles, 2006.

CANDIDO, Antonio. “Sagarana”. In: *Textos de Intervenção*. São Paulo : Duas Cidades; Editora 34. 2002.

FARIA, Maria Lucia Guimarães de. Canto e plumagem das palavras em Guimarães Rosa. Texto inédito.

GALVÃO, Walnice Nogueira. “Matraga: sua marca” In: *Mínima mímica : ensaios sobre Guimarães Rosa*. São Paulo : Companhia das Letras, 2008.

GROSSI, Miriam Pilar. *Masculinidades: uma revisão teórica*. Florianópolis : UFSC / Programa de Pós Graduação em Antropologia Social, 1995.

LEAL, Victor Nunes. “Indicações sobre a estrutura e o processo do “coronelismo”” In: *Coronelismo, enxada e voto*. 7 ed. São Paulo : Companhia das Letras, 2012.

LORENZ, Günter W. *Diálogo com Guimarães Rosa*. In: COUTINHO, Eduardo F. (org.). *Guimarães Rosa*. 2. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1991.

MENESES, Adélia Bezerra. “A hora e a vez de Augusto Matraga ou “De como alguém se torna o que é””. In: *Literatura e Sociedade*, v. 12, n. 10, p. 64-80, 2007.

PRANDI, Reginaldo. *Mitologia dos Orixás*. Rio de Janeiro : Companhia das Letras, 2000.

ROSA, João Guimarães. “A hora e a vez de Augusto Matraga” In: *Sagarana*. 72. ed. Rio de Janeiro : Nova Fronteira, 2017.

_____. *Grande sertão: veredas*. 21. ed. Rio de Janeiro : Nova Fronteira, 2015.

SOUZA, Ronaldo de Melo e. “O narrador metamórfico de “A hora e a vez de Augusto Matraga”” In: *A saga rosiana do sertão*. Rio de Janeiro : EDUERJ, 2008.

VAZZARE, Jacopo de. “São Jorge” In: *Legenda áurea: Vidas de santos*. Rio de Janeiro : Companhia das Letras, 2003.